

MICHEL ASSBU: 50 ANOS DE MEDICINA E DE RONDON

“O segredo de ser jovem – mesmo quando os anos passam, deixando marcas no corpo – é ter uma causa a que dedicar a vida.” Dom Hélder Câmara

Entrevista por Mariana Magalhães Gomes Garcia

Em 2017, o Projeto Rondon completa 50 anos de existência. Muitas histórias de bravura e solidariedade foram escritas durante todo esse período pelos milhares de estudantes universitários, professores e militares voluntários que participaram das operações. Uma dessas histórias incríveis é contada pelo médico nefrologista Michel Assbu, de 74 anos, que fez parte do primeiro grupo de estudantes que atuou em uma região ainda hoje desconhecida por muitos, o território de Rondônia, no norte do país.

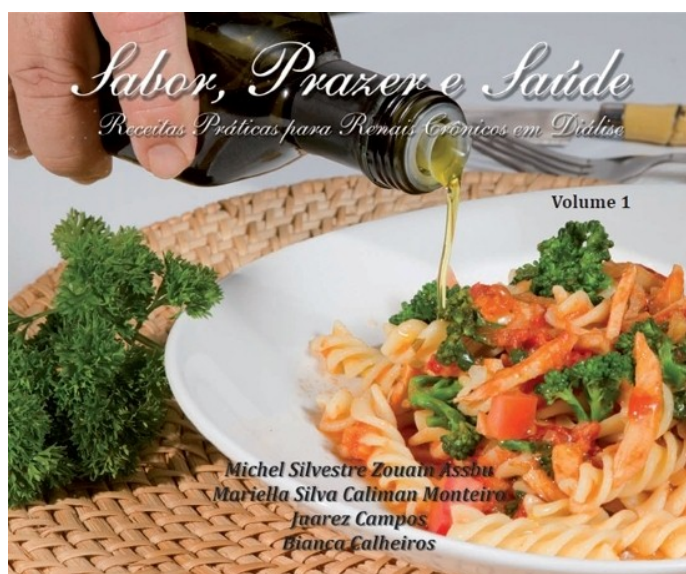
No dia 11 de julho de 1967, dois professores e trinta estudantes voluntários das universidades do Estado da Guanabara, da Universidade Federal Fluminense e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro subiram a bordo de uma aeronave C-47, cedida pelo extinto Ministério do Interior, e partiram para Rondônia, naquela que foi considerada a primeira expedição oficial do Projeto Rondon, a Operação Zero. A equipe permaneceu por 28 dias durante os quais coletou dados sociais e epidemiológicos e prestou assistência médica à população local.

Dr. Michel Assbu

Filho de comerciantes libaneses que imigraram ao Brasil na primeira metade do século XX, Michel Silvestre Zouain Assbu nasceu em Aimorés, no Estado de Minas Gerais. Vive hoje em Vitória- (ES), é casado com Maria Aparecida de Mendonça, com quem tem duas filhas, Marianne e Maria Elisa. O doutor também tem uma neta, a pequena Mariah.

Professor durante 33 anos na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Departamento de Clínica Médica, o Dr. Michel se especializou em nefrologia.

Sua paixão pela área, aliada à veia de educador, levou-o a escrever dois livros de receitas para os pacientes renais crônicos, tanto àqueles que fazem tratamento conservador quanto aos que precisam submeter-se à hemodiálise. Atualmente, é professor assistente no internato de Cirurgia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM) e continua com atendimentos em sua clínica.



Capa do Livro de Receitas "Sabor, Prazer e Saúde"

Muito solícito e falante, Dr. Michel conta, com empolgação, tudo sobre a sua marcante experiência no Rondon. Foi nesta expedição que o médico, à época estudante do último ano do curso de Medicina, realizou sua primeira cirurgia sem o acompanhamento de um professor. Mas como tudo começou?

O nascimento do médico: “Medicina é uma paixão que não tem remédio”

Dr. Michel lembra com orgulho da época quando surgiu a sua paixão pela Medicina. "Ela

sempre existiu. Sempre soube que gostaria de ser médico”. O primeiro fato que lhe vem à memória aconteceu por volta dos sete anos e nos primeiros anos escolares. A professora do Grupo Escolar Machado de Assis havia pedido às crianças que produzissem um texto respondendo àquela famosa pergunta: “O que você quer ser quando crescer?”. Ali, o pequeno Michel já esboçava sua vontade de ser médico e de cuidar dos doentes. A professora era Maria da Penha Salgado, irmã do premiado fotógrafo Sebastião Salgado. Muitos anos depois, em 2015, durante um evento em comemoração ao centenário de Aimorés, o doutor reencontra a antiga educadora e ela lhe conta que guardara a redação que ele havia produzido décadas antes. A vontade do menino materializou-se, fez-se realidade.

Dr. Michel também relatou outro episódio que o influenciou em sua escolha. “Quando finalizava os estudos no científico, hoje o Ensino Médio, e já ciente de que seguiria a carreira de Medicina, presenciei a árdua luta de minha mãe contra uma enfermidade que a fazia sentir terríveis dores. Este martírio já se arrastava por muitos anos. Depois de várias idas à capital Belo Horizonte, para consultas com especialistas, e de muitas incógnitas sobre seu estado de saúde, ela encontrou finalmente um tratamento adequado com um médico carioca chamado Prof. Dr. Américo Piquet Carneiro”.

A partir dali o jovem tomou a decisão de estudar Medicina no Rio de Janeiro. Fez o vestibular e, em 1962, iniciou o curso de Ciências Médicas na Universidade Estadual da Guanabara (UEG), atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Aquele médico que havia cuidado e curado as dores de sua mãe, o doutor Américo, era um dos professores do curso de Medicina na UEG. O jovem Michel, no início de sua carreira, atuou ainda como assistente do Dr. Américo.

Quem quer ir para o mato?

No final do mês de maio de 1967, durante o internato no Hospital das Clínicas, Michel e um grupo de colegas recebem o convite do vice-reitor e professor Wilson Choeri para integrarem uma expedição

ao norte do país e, assim, colocarem em prática os aprendizados da graduação. “Quem quer ir para o mato”? Aquela frase dita pelo professor Choeri fez brilhar os olhos dos jovens acadêmicos. A ideia era levar estudantes da capital para conhecer o interior do Brasil. Para estudantes do sexto ano do curso de Medicina, prestes a se formarem, seria uma fantástica aventura conhecer e trabalhar em uma região até então desconhecida pela maioria dos brasileiros.



1967 - Operação Zero (Fonte: <http://www.projettorondon.defesa.gov.br>)

Integrar para não entregar

Os trinta estudantes que aceitaram o desafio partiram do aeroporto Santos Dumont a bordo de uma aeronave C-47, que havia sido cedida pelo então Ministério do Interior, à época comandado pelo ministro Afonso Augusto Albuquerque Lima. Estudantes de Medicina, Engenharia, Serviço Social, todos do Rio de Janeiro, a maioria da Universidade Estadual da Guanabara. Aquele grupo – empolgado para conhecer e contribuir com a população de Rondônia – não imaginava que a aventura começaria ainda antes de desembarcarem: logo após a decolagem, o avião precisou voltar à origem por apresentar problemas mecânicos. Mas mesmo com toda a “paúra” daquele momento, eles já haviam adotado um “grito de guerra” que acompanharia o grupo durante toda a operação: “Integrar para não entregar!”.

Quando enfim desembarcaram em Porto Velho, foram recebidos por um militar que os instruiu a aplicar piperazina e sulfato ferroso ao maior número possível de pessoas. Piperazina é um vermífugo. Sulfato ferroso, um antianêmico. Mas como assim medicar indiscriminadamente?

O estudante Michel se manifestou contrário àquela medida e disse que não havia necessidade de medicar pessoas sem que antes passassem por avaliações clínicas. No meio militar, “missão dada é missão cumprida”. Ordens não devem ser discutidas. A atitude dele foi considerada uma insubordinação, e como forma de repreendê-lo, os militares decidiram enviar Michel e mais dois colegas — Abrão e Calan — a uma região afastada de Porto Velho: “ativista vai para a estrada”. Ali, para onde foram mandados, o 5º Batalhão de Engenharia de Construção, implantava-se a BR 364, rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho.

“Fecho os olhos e revejo tudo em minha cabeça”

Chegaram a Vila Rondônia, o vilarejo para onde foram designados para fazer um levantamento socioeconômico. Michel e seus dois colegas do curso de Medicina estavam no alojamento quando foram surpreendidos com a entrada desesperada de uma senhora com uma criança de aproximadamente dois anos no colo. Era uma menina que estava ferida na barriga. Um corte profundo expunha suas vísceras. Via-se sangue e intestinos. A avó clamava por socorro: “Por favor, salvem a minha neta!”. Prontamente, os três estudantes tomaram a criança nos braços e a colocaram em cima de uma mesa. Após examinarem, concluíram que ela deveria ser operada imediatamente para que houvesse chance de sobreviver. Mas como operá-la? Onde? Se houvesse como mandar a criança para ser operada em Cuiabá, seriam 12 horas de viagem, ela não resistiria.

Começa a busca por um local adequado e o material necessário para operar a criança. Michel pergunta ao enfermeiro do Batalhão o que havia de material cirúrgico no local e escuta: “Luva para toque ginecológico”. “Não havia nada. Não conseguimos encontrar instrumentos, soro, bisturi, nada. Era uma comunidade muito pequena, sem recursos e longe de qualquer cidade. Mandeí que me trouxessem agulha. Só havia agulha de costura e linha de pregar botões. Teria que me virar com aquilo. Como anestésico, usei o Kelene inalatório que trazia em minha maleta de estudante de Medicina”.

Não é difícil imaginar a tensão, o medo e a insegurança que devem ter invadido cada um daqueles jovens aspirantes a médicos. Mas eles precisavam tomar decisões e assumir com coragem o desafio imposto pela urgência. Não eram só futuros médicos: eram futuros médicos RONDONISTAS! E para um rondonista, sim, “missão dada é missão cumprida”.

Após a delicada e improvisada operação — “a mão divina estava ajudando a gente...” —, Michel ficou 28 horas ao lado da criança controlando o soro que havia preparado com água de coco infundida por meio de um conta-gotas.

O jovem permaneceu mais sete dias no vilarejo porque queria, ele mesmo, retirar os pontos da cirurgia feita na criança. Havia a preocupação profissional, o zelo do futuro médico. Mas havia também um afeto profundo por aquela pequena menina e pelo o que ela representava: agora sim, um médico! A formatura seria uma mera formalidade. O batismo de fogo acontecera quando ele e os colegas assumiram os riscos da decisão pela cirurgia.

Muitas lições ficaram daquele dia, uma delas, a noção de que pertencemos, todos, a uma única e grande família. Como é possível, em uma comunidade tão pequena, com pessoas extremamente fragilizadas socialmente, com tão poucos e escassos bens materiais, haver tanto senso de humanidade, tanta compaixão pela dor do outro?

“Fiquei impressionado com a solidariedade e a união daquela pequena comunidade. Mesmo com tanta miséria, as pessoas eram muito amigas. Elas se reuniam em vigília, oravam e torciam pela recuperação da menina. Todos queriam que ela ficasse boa. Ali tive certeza da existência de Deus, Ele mais do que existe: a prova estava ali”, contou.

A criança foi salva e o doutor voltou para o Rio de Janeiro com uma grande história para contar. Sempre perguntavam a ele quem era aquela criança. Dela, ele só sabia o nome, Cláudia. Para ele, a Claudinha.

“Eu sempre cuidei de doente grave, daqueles que mais precisam de nós, mas operar aquela menina talvez tenha sido o meu maior ato médico.”

Hoje, passados 50 anos daquele dia de 1967, quando Michel, Abrão e Calan operaram a pequena Claudinha, é tempo de rememorar essas histórias recheadas de coragem, heroísmo e patriotismo. Sim, Dr. Michel, temos heróis neste país. O marechal Cândido Mariano Rondon, patrono do projeto que leva seu nome, foi um deles. O senhor, Abrão e Calan também o são.



Dr. Michel Assbu